

## Como os protestos estudantis mexem na política americana

Marcelo Montanini

03 de maio de 2024(atualizado 04/05/2024 às 13h04)

Mais de 2.100 foram presos em protestos estudantis desde 17 de abril. Joe Biden defende o direito de protestar e condena violência. Republicanos cobram ordem. Fim do ano letivo pode arrefecer tensão



PROTESTO PRÓ-PALESTINA NA UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA EM LOS ANGELES, NOS EUA

Mais de 2.100 pessoas foram presas em protestos estudantis entre 17 de abril e sexta-feira (3), nos protestos pró-Palestina em universidades americanas. Os acampamentos começaram em Columbia e se espalharam pelo país. Houve confrontos entre estudantes e policiais, manifestantes ocuparam prédios e aulas estão inviabilizadas em alguns campi.

Joe Biden, presidente dos EUA, defendeu na quinta-feira (2) o direito de protestar pacificamente e condenou atos violentos, num aceno duplo aos eleitores jovens e aos que cobram ordem. Isso ocorre em meio a uma disputa eleitoral acirrada contra o ex-presidente Donald Trump.

Os políticos estão em empate técnico: 40,7% para o democrata que busca reeleição e 41,7% para o republicano, segundo o compilador de pesquisas eleitorais do site americano FiveThirtyEight. O independente Kennedy Jr. aparece com 9,7%.

Neste texto, o **Nexo** explica como as manifestações estudantis têm movimentado a política americana e mostra qual o possível impacto que eles podem ter nas eleições presidenciais de 5 de novembro.

## Os protestos nos campi

A onda de protestos nos campi americanos ganhou força após a prisão em 19 de abril de 108 estudantes que começaram a acampar dois dias antes na Universidade de Columbia, em Nova York. A intervenção policial ocorreu a pedido de Minouche Shafik, presidente da instituição.

O objetivo era pressionar a universidade e o governo americano a cortar as relações com o governo e empresas israelenses diante do atual conflito entre Israel e Hamas, que deixou, desde 7 de outubro de 2023, mais de 34,6 mil palestinos e 1.200 israelenses mortos.

## Assine nossa newsletter diária

Gratuita, com os fatos mais importantes do dia para você

Após as prisões em Columbia, estudantes passaram a acampar em campi universitários em todo o país. As manifestações foram ficando mais tensas. Estudantes ocuparam na terça-feira (30) um prédio de Columbia. Estudantes e polícia entraram em confronto em diversos campi.

Trezentos é o número estimado de universidades que viraram palco de manifestações em 45 dos 50 estados americanos, segundo a rede britânica BBC. Os atos dos estudantes fazem parte de uma campanha global conhecida como BDS (Boicote, Desinvestimento e Sanções), que teve início nos anos 2000, contra as políticas israelenses em relação aos palestinos.

Muitas universidades americanas têm parceria de investimentos e convênio com o governo de Israel e empresas israelenses ligadas à indústria militar.

EUA e Israel tem uma relação que remonta à criação do Estado judeu, em 1948, e que vem sendo fortalecida por décadas. Os americanos são o maior aliado militar e diplomático israelense.

## Pressão sobre Biden

À medida que os protestos em alguns campi se tornaram mais violentos, a pressão de parte da sociedade e da oposição ao governo Biden aumentou. Numa declaração na quinta-feira (2), ele buscou o equilíbrio entre defender a liberdade de expressão e o respeito à lei.

“A dissidência é essencial para a democracia”, disse Biden, na Casa Branca. “Mas a dissidência nunca deve levar à desordem ou à negação dos direitos dos outros, para que os alunos possam terminar o semestre e a sua educação universitária.”

Já a estratégia republicana é associar Biden e os democratas a desordem — mesma tática usada em 2020, quando ocorreram protestos por justiça social após a morte de George Floyd, americano negro assassinado por policiais. Na ocasião, Trump, então na presidência, sugeriu que o democrata era tolerante com o que chamou de “anarquistas, bandidos e agitadores”. Biden negou.

“Quando é que o próprio presidente, e não os seus porta-vozes, condenará essas ‘pequenas Gazas’ cheias de ódio?”, questionou Tom Cotton, senador republicano, aos repórteres na quarta-feira (1º). “[Biden] precisa denunciar os simpatizantes do Hamas nos campi, sem se equivocar sobre os israelenses travando uma justa guerra de sobrevivência”, acrescentou.

Trump chamou na terça-feira (30), num ato político em Wisconsin, os manifestantes de “lunáticos furiosos” e cobrou ações enérgicas dos presidentes das universidades. Os republicanos tentam associar qualquer discurso crítico a Israel ao antissemitismo e apelam ao discurso de linha dura na segurança.

## **Reação da Câmara**

Em resposta às manifestações, a Câmara dos EUA, de maioria republicana, aprovou na quarta-feira (1º) um projeto de lei que adota a definição sobre o que pode ser considerado antissemitismo com base numa proposta da organização intergovernamental Aliança Internacional de Memória do Holocausto. O projeto está no Senado, de maioria democrata — o futuro dele ainda é incerto.

Pela definição, “antissemitismo é uma certa percepção sobre judeus que pode ser expressada como ódio aos judeus”. “Manifestações retóricas e físicas de antissemitismo são direcionadas contra pessoas judias e não judias, sua propriedade privada, e contra instituições comunitárias e religiosas judias”, diz o texto.

A organização apresenta inúmeros exemplos do que pode ser enquadrado como antissemitismo, como por exemplo afirmar que a “existência de um Estado de Israel é um esforço racista” ou “aplicar dois pesos e duas medidas ao exigir de Israel um comportamento não esperado de outros países democráticos”.

O resultado de 320 votos a 91 sinaliza o quão dividido estão os democratas quanto ao apoio a Israel e à situação dos protestos nos campi. Republicanos têm 217 deputados, enquanto democratas têm 212. Para os seus defensores do projeto, ele dará poder ao governo federal para reprimir os protestos anti-Israel nos campi, codificando uma definição de antissemitismo que abrange não apenas ameaças contra judeus, mas também certas críticas a Israel. Para os críticos, a proposta vai cercear a liberdade de expressão.

A União Americana pelas Liberdades Civis, organização americana dedicada à defesa da liberdade de expressão, apelou em carta aos congressistas para se oporem ao projeto. O grupo afirmou que a lei federal americana já proíbe a discriminação e o assédio antissemita por parte de entidades financiadas pelo governo federal, e que não é necessária uma nova para isso.

A organização acrescentou que o projeto “reduziria a liberdade de expressão dos estudantes nos campi universitários, ao equiparar incorretamente as críticas ao governo israelense com o antissemitismo”. Caso a lei seja aprovada no Senado e sancionada por Biden, as universidades terão um enquadramento legal para agir de forma severa contra os estudantes. E o Departamento de Educação americano poderá revogar bolsas federais de investigação e outros financiamentos a uma universidade que não tome medidas punitivas contra os estudantes que expressam tais opiniões.

Na quarta-feira (1º de maio), 57 democratas no Congresso pediram a Biden que suspendesse a ajuda a Israel numa tentativa de impedir um iminente ataque em Rafah, no sul da Faixa de Gaza. O que não aconteceu.

## **O impacto nas eleições**

As manifestações impactaram a política americana. O ano letivo, porém, termina entre maio e junho, o que pode ajudar a desmobilizar os atos. As recentes detenções de líderes dos movimentos também podem minar a força dos protestos.

Rafael Ioris, professor de história e política da Universidade de Denver, afirmou ao **Nexo** que a situação pode aprofundar a desmobilização dos jovens já frustrados com Biden, fazendo com que eles não saiam para votar no democrata em novembro. Ele acrescentou que, apesar de

heterogêneo, esse segmento é importante para a campanha do presidente num cenário apertado.

Uma pesquisa do jornal americano USA Today, de abril, indicou que Biden tinha o apoio de 45% dos jovens com menos de 30 anos e Trump, 37%. Esses índices representam queda do democrata e crescimento do republicano, se comparados ao mesmo período de 2020, quando Biden tinha o apoio de 60% e Trump, de 30%.

Segundo a mesma pesquisa, uma das razões da queda na intenção de voto do presidente americano é a postura dele em relação ao conflito na Faixa de Gaza, uma vez que a maioria dos jovens considera que as ações de Israel são injustificadas, e Biden tem apoiado o governo de Benjamin Netanyahu.

A campanha do democrata avalia que os protestos estudantis não devem impactar nas eleições de novembro. Eles afirmam que os protestos têm quantidade relativamente pequena em comparação aos cerca de 41 milhões de eleitores jovens — de 18 a 29 anos.

O College Democrats of America, braço estudantil do partido, alertou na quarta-feira (1º) no X (antigo Twitter): “Os votos dos democratas universitários não devem ser considerados garantidos pelo Partido Democrata. Reservamo-nos o direito de criticar o nosso partido quando este não nos ouve.”

O professor da Universidade de Denver afirmou ainda que a instabilidade social também fortalece o discurso dos republicanos de lei e de ordem. “É o tema central da campanha de Trump: ordem nas fronteiras, ordem nas ruas, ordem na universidade. É algo que aglutina os setores mais conservadores da sociedade”, disse Ioris.